

ORAÇÃO DO DR. CARLOS HOFMEISTER PELA SOCIEDADE DE PEDIATRIA

Dr. CARLOS HOFMEISTER

Exmo. Sr. Representante de S. Excia.
o Sr. Governador do Estado.

Excelência Rvma. Sr. Arcebispo Me-
tropolitano.

Magnífico Reitor da Universidade do
do R. G. do Sul.

Rvmo. Sr. Representante de Sua Mag-
nificência o Sr. Reitor da Universidade
Católica.

Sr. Dr. Prof. Diretor da Faculdade de Me-
dicina de Pôrto Alegre.

Eminente Prof. Dr. Gonçalves Viana,
DD. representante da Família do Dr. O-
linto de Oliveira.

Sr. Presidente da Sociedade de Pe-
diatria.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Meus colegas e meus consócios.

"Não há modo de mandar, ou ensinar
mais forte e suave, do que o exemplo:
persuade sem retórica, impele sem vio-
lência, reduz sem porfia, convence sem
debate, tódas as dúvidas desata, e cor-
ta caladamente tódas as desculpas."
PADRE MANOEL BERNARDES

Eis o epítome da existência de Olím-
pio Olinnto de Oliveira, inscrito, aliás,
no átrio da magnífica Poliantêia de sua
Incomparável Vida.

Foi, ensinando pelo exemplo, em que
se desdobraram as multifárias manifes-
tações de sua invejável cerebração de elei-
to: seja como Mestre e Cientista predes-
tinado e inconfundível; seja como Médi-
co competente, culto, bondoso, humano e
cristão; seja como Artista de rara e apu-
rada sensibilidade; seja como Sociólogo,
de inconcussa visão realizadora; mas, foi
sobretudo e principalmente, como Pedia-
tra e como Puericultor, atormentado com
o drama pungente da criança brasileira,
em que se plasmou, com maior vigor e
com mais superlativa eficiência, sua ati-
vidade indefessa de Mestre e de Médico

e de Educador, nos moldes de que nos fa-
la o Padre Bernardes.

Dai, meus Senhores, a Sociedade de
Pediatria e de Puericultura do Rio Gran-
de do Sul, que sempre teve em Olinto de
Oliveira, um paradigma inegulável, não
poder silenciar neste momento, em que o
Rio Grande e o Brasil todo, deplora e
chora o término da modelar existência
objetiva de seu grande e inolvidável filho.

Dai, minhas Senhoras e meus Senho-
res, a razão de estar, neste momento, as-
sociando-se às homenagens da Faculda-
de de Medicina de Pôrto Alegre, e a vos
falar em nome da Sociedade de Pediatria,
o menor dos discípulos de Olinto de Oli-
veira. Somos, com efeito, com Raul Mo-
reira, da mais antiga geração de pedia-
tras que teve a grande ventura e a honra
de ter sido discípulos do grande Mestre
desaparecido. Eis que pertencemos, crêio,
à penúltima turma lecionada pelo Pro-
fessor Olinto, aqui no Rio Grande do Sul.

Si, múltiplas e variadas, foram, co-
mo disse acima, as atividades em que se
desdobraram, o dinamismo, a inteligência
e o saber, do eminente Professor, foi no
setor da Pediatria, que Olinto de Oliveira,
atingiu o fastígio e principado de sua ati-
vidade médico-social.

Foi na Pediatria e pela Pediatria,
que Olinto de Oliveira projetou seu no-
me, primeiro no nosso cenário social, lo-
go após no cenário científico continental
e extra continental.

Vindo, muito jovem ainda, da Esco-
la de Medicina do Rio de Janeiro, onde
recêbera as inolvidáveis lições do grande
Moncorvo, verdadeiro Pai da Pediatria
nacional, foi desde logo se impondo à po-
pulação gaúcha, como seu primeiro e au-
têntico médico de crianças.

Muito embora, por essa época, últi-
mas décadas do século passado, não lhe
fosse possível, dedicar-se com exclusivi-
dade à Pediatria, nascente como especia-

lidade autônoma, desligando que se ia da clínica médica, foi para as crianças enfermas, porém que votou o melhor dos seus esforços e da sua indefectível dedicação.

Pôrto Alegre daquele tempo, em matéria de assistência infantil, nada tinha.

Foi dêle que partiu a iniciativa da primeira Sociedade Assistencial da infância. Foi, Olinto de Oliveira, que erigiu a primeira Crèche que se levantou no Brasil. Foi por êle fundada, também, conjuntamente com um pupilo de outros idealistas, esta nossa velha Faculdade de Medicina, hoje orgulho da Universidade e do Brasil todo. Foi o pranteado Mestre, que após perlustrar várias disciplinas da nóvel Faculdade, ocupou a primeira Cátedra de Pediatria do nosso Estado. Olinto de Oliveira foi, sem a menor dúvida, um desbravador, um iniciador, um orientador e um criador.

Nos velhos e acanhados Ambulatórios Infantís, naquelas desprovidas e inadequadas meias-águas, da nossa secular Santa Casa de Misericórdia, levantou sua Cátedra: Pesquisava, esmiuçava, estudava, ensinava e espargia a mãos cheias os frutos do seu saber, o calor da sua bondade e o fecundo exemplo de seu inamalgável caráter, que não conheceu tergiversações.

A nascente especialidade pediátrica, que também se plasmava e tomava corpo, na Argentina, no Uruguai e na capital da República, onde pontificavam grandes nomes do quilate respectivamente de Araoz Alfaro, Luiz Mórquio e Fernandes Figueira, descobriu em breve, o jovem pediatra que então prelecionava na nascente faculdade gaúcha.

E os quatros, Olinto de Oliveira, Araoz Alfaro, Luiz Mórquio e Fernandes Figueira, unidos pelos mesmos ideais e animados pelo mesmo ardor científico, fundaram a primeira Revista Sulamericana de Pediatria. (Isto em 1905).

Olinto de Oliveira, não parou, porém. Fundou Dispensários infantís. Organizou Laboratórios de pesquisas clínicas e já no alvorecer do Século atual, era premiado com medalha de prata na exposição internacional de Higiene, realizada no Rio de Janeiro.

Foi fundador do Instituto Pasteur e do Instituto Osvaldo Cruz, o primeiro de-

dicado à profilaxia da raiva e o segundo, auxiliar da clínica nas pesquisas laboratoriais. Foi presidente do primeiro Congresso Panamericano da criança. Representou o Brasil em muitos congressos internacionais. Desde 1930, foi dirigir a Inspetoria de Higiene Infantil, do Departamento Nacional de Saúde Pública. Neste posto, transformou a Inspetoria em Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância e logo depois, conseguiu criar o Departamento Nacional da Criança, onde sua obra foi realmente genial.

Era Olinto de Oliveira, dotado de grande Bondade e de grande Altruismo. De Bondade e de Altruismo do Sábio, mas não da bondade que transige com o erro e que amolece o caráter na tolerância de acomodações fáceis. Era de um Caráter, que não conhecia vacilações. Seguiu invariavelmente as imposições da Dignidade pessoal. Sim, foi de grande bondade, mas de bondade arrimada em caráter forte e incorruptível. Mantinha seu princípios e tinha atitudes que se não curvavam.

Discordava e polemizava com elevação.

Rendia os adversários, com a superioridade do seu saber e com a convicção dos que tem princípios sadios e dos quais se não apartam.

Jamais cortejou posições cômodas e por mais de uma feita abandonou as que lhe pertenciam, para não transigir. Quando daqui partiu, em 1917, todos lamentamos sua intransigência que privava a Pediatria riograndense de sua expressão mais alta e a Faculdade de Medicina do seu expoente mais elevado.

Olinto de Oliveira, resistiu, então, a tudo e a todos.

Resistiu até, na expressão de suas próprias palavras, as lágrimas de sua idolatrada esposa e de sua diletta filha.

Sua decisão foi inabalável.

Mas hoje encerrado o ciclo brilhante de sua vida objetiva, podemos proclamar: Bendita intransigência, que si roubou Olinto de Oliveira ao Rio Grande do Sul, deu ao Brasil um grande Mestre. E de muito mais alto e para muito mais longe, foi projetar o facho luminoso do seu Saber, da sua Cultura, do seu Dinamismo criador e da Bondade inesgotável do seu Caráter. Lá, muito mais se evi-

denciou o valor do Homem, do Pediatra, do Sociólogo, do Educador e do grande e inconfundível amigo da criança brasileira.

Do que foi a sua atuação na Capital da República e no Brasil todo, está bem viva na memória de todos.

E' de um passado recente.

Idealizou, organizou, plasmou e dirigiu o Departamento Nacional da Criança. Estendeu por todos os quadrantes da Pátria imensa, o fluxo da ciência puericultural, em defesa da infância e da juventude brasileiras. Neste pôsto, foi insuperável. Não conheceu obstáculos. Animava indiferenças. Estimulava vocações. Criou, enfim, um organismo que praticamente não existia no Brasil. Um organismo central, coordenador e orientador de forças dispersas e às vêzes divergentes e antagônicas, visando embora, o bem estar da infância e da juventude.

Foi na chefia e na organização do Departamento Nacional da Criança, que a personalidade singular de Olinto de Oliveira, desdobrou-se em tôda sua plenitude.

O seu saber e sua invulgar experiência das cousas da infância e da dolescência infundiam segurança e garantiram o êxito do magnânimo empreendimento.

Com simpatia irradiante, mandava sem imposição.

Aceitava e aplaudia sempre com entusiasmo as sugestões que lhe apresentavam seus auxiliares, ou que lhe proporcionavam a crítica honesta e construtiva, tanto quanto, com firmeza e lealdade desentulhava os óbices que a inveja e a malquerença, dos que não percebiam a grandeza do seu imenso ideal, procuravam barrar-lhe a marcha silenciosa mas segura e fecunda.

Por amor à criança não conheceu obstáculos.

Já octogenário, trabalhava como um jovem idealista.

O "credo", que compôs para o seu Departamento é a prova insofismável da sua indefectível preocupação pela felicidade da infância e da adolescência da nossa Pátria:

Creemos, disse êle, no futuro do Brasil pela proteção integral da criança.

Creemos que a base do bem-estar e do futuro da criança reside no lar e na família bem organizados.

Creemos nos deveres do Estado para a criança em geral, mas principalmente a abandonada e a necessitada.

Creemos na benéfica influência dos serviços de proteção à infância bem organizados e exercidos por pessoal competentes e devotados.

Creemos que na proteção à infância é muito mais importante a influência do pessoal habilitado experiente e dedicado, que a das condições materiais.

Creemos na benéfica influência da educação dos pais e responsáveis no futuro da criança.

Creemos no papel imenso das instituições privadas de proteção à infância, quando bem orientadas e harmônicamente coordenadas.

Creemos nos melhores resultados da compreensão, da doçura e de uma disciplina equânime, do que no rigor e nas punições, da reeducação dos menores transviados.

Creemos que os direitos da criança não podem depender da forma pelos quais seus pais se tenham comportado.

Creemos que, para o bem futuro da humanidade, como para o do Estado, da família e do indivíduo, a proteção bem entendida à criança é mais importante e essencial que qualquer outra das atividades dos governos."

Ainda como testemunho da sua sensibilidade alturística, traçou Olinto de Oliveira, o código dos direitos da criança brasileira, no qual se consubstancia o nobre ancêio do Mestre, para que a nossa infância tenha o sagrado direito de:

"Ser atendida desde o sêio materno, e nascer bem, evitados quanto possível os riscos de morte, doença ou deformidade;

De ser criada sob carinho maternal e no ambiente da família, ou na falta dêste, num que se lhe aproxime o mais possível.

De nunca sofrer fome ou penar por insuficiência de alimentos nutritivos indispensáveis.

De ser tratada como criança e, como tal, respeitada e atendida nos seus justos interêsses e aspirações.

De receber os princípios de educação que a preparem para a vida e lhe permitam tomar consciência do seu próprio destino.

De receber assistência médica e higiênica que lhe evite riscos de doença e de morte.

De jamais ficar abandonada à sua própria sorte, sem amparo material, social, e moral, eficiente e carinhoso.

De não ser menosprezada por motivos de família, ilegitimidade, pobreza, raça, religião, deformidade física ou mental.

De nunca ser vítima de crueldade ou exploração, nunca ser submetida a trabalhos que lhe possam prejudicar o desenvolvimento normal e a saúde, o caráter, a educação, a liberdade, a alegria de viver.

De nunca permanecer segregada de convivência social devendo em tal caso receber assistência judiciária especializada e os corretivos adequados.

De ser com sua mãe, a primeira a receber socorros em caso de calamidade pública.”

Olinto de Oliveira, não conheceu vágares, só se rendeu à enfermidade e à avançada idade. Sua merecida aposentadoria, no posto que tanto dignificou, consistiu uma verdadeira apoteose nacional. Seu nome benemérito, por imposi-

ção do voto dos seus discípulos e dos seus amigos e por justíssima determinação dos poderes da República, foi inscrito no Livro do Mérito, um justo e alto galardão, concedido ao varão ilustre, que tanto dignificou a medicina, a pediatria, a grande Pátria e a época em que viveu.

Teve a ventura de uma vida longa, fecunda e austera.

Viveu no seio de uma família honrada e feliz, à qual reservou sempre as premissas do seu exemplo e do seu carinho e que jamais delustrou os méritos e as virtudes do seu grande Chefe. Desapareceu nonagenário, aureolado pela gratidão da Pátria, pela admiração dos coevos e apontado com exemplo aos vindouros.

Foi um apóstolo do Bem e da Ciência.

Para a sua vida digna, bem se poderia aplicar a lapidar sentença de Francisco de Castro:

— “Exerceu o mais santo apostolado, junto às dôres e misérias humanas, fez lourejar pelas estâncias da vida os reflorecimentos da saúde e abriu, na larga espessura da desesperança, uma brecha para a claridade benéfica das consolações.”